

SEÇÃO LEITURAS

ESCAVANDO LUGARES

DIGGING PLACES

CAVANDO EN LUGARES

 [Teófilo Teles Pereira de Arvelos](#)¹

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP),
São Paulo, Brasil,
e-mail: teofiloarvelos@gmail.com

— Obrigado por nos ouvir.

Cheguei à Comunidade do Quilombo, na zona rural do município de Ibiá, em Minas Gerais, com o propósito de escavar lugares. Não sou arqueólogo, paleontólogo ou geólogo, senão um simples amante da geografia. Sou daqueles que acreditam que lugares não são estáticos ou perenes, mas que comumente se desfazem com alguma rapidez. Constituem-se com a atribuição solidária ou subjetiva de sentidos a certos recortes espaciais, e findam quando não há mais significação.

Recordo um poema célebre de Manuel Bandeira, “Velha chácara”: “A casa era por aqui... / Onde? Procuo-a e não acho. / (...) / Não existe mais a casa... / — Mas o menino ainda existe.” De fato, a casa do eu lírico desse poema não existe mais enquanto matéria, espaço

¹ Técnico em eletrotécnica pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro (IFTM) e estudante de Geografia (licenciatura e bacharelato) na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). É autor dos livros de poesia Parnaso e Lágrima, publicado pela editora portuguesa Chiado Books. É também colunista do site Jornal de Patos, na seção de literatura. Atualmente, contribui com textos e pesquisas para a página História e Direitos Indígenas no Brasil, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

ARVELOS, Teófilo Teles Pereira de. Escavando lugares. *Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 9, nº 18, pp. 179-181, maio-agosto de 2022.

Submissão em: 17/07/2022. Aceito em: 12/08/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

arquitetônico, ambiente construído. Mas persiste enquanto ideia. Demoliu-se cada significante de alvenaria, apagaram-se mesmo as rugosidades, mas parece restar o lugar: ainda há memória.

Na Comunidade do Quilombo, busquei escavar lugares pretéritos, os quais, porém, revelaram-se menos pretéritos do que imaginei. Na localidade e arredores, havia, sim, vestígios materiais de tempos passados: um muro de pedra, contornos do que foi um fosso. Mas eram escassas e esparsas as rugosidades dos lugares que eu buscava desvendar. Não obstante, supus que, assim como resistiram nos topônimos marcas do que eu procurava, como em “Escola Municipal Quilombo do Ambrósio”, “Morro do Espia” e “Córrego do Quilombo”, também deveriam resistir marcas no que Milton Santos chama de psicoesfera: o resultado imaterial de crenças, desejos, vontades e hábitos, muitas vezes advindos do passado, que inspiram relações interpessoais e comportamentos filosóficos e práticos no presente.

— Eu que agradeço, por falarem de vocês para mim.

Comecei a escavar lugares, portanto, a partir de entrevistas. Conversando com gente que morava no povoado e nas proximidades, perguntei sobre o que sabiam do Quilombo do Ambrósio, que no século XVIII se instalou no que hoje é parte dos municípios mineiros de Ibiá e Campos Altos. Deparei-me com mais desconhecimento que saber, com mais esquecimento que memória. Do que colhi de relatos, desconfio que encontrei mais ficção que realidade, mas não encarei isso como um problema. Versões dissonantes sobre eventos e lugares podem revelar muitas coisas: manipulações, transformações discursivas, mudanças na psicoesfera, dinâmicas socioespaciais.

É certo que a ensaísta canadense Lise Bourbeau (e não Freud, como erroneamente se atribui) certa vez disse, e com razão, que aquilo que Pedro pensa de Paulo diz mais sobre o primeiro que sobre o segundo. Em meu trabalho de campo, eu não investigava Pedro (as pessoas que entrevistei), mas Paulo (os lugares quilombolas do passado); sem embargo, os relatos e os silêncios que registrei me foram muito úteis, porque me fizeram pensar no que está por trás, ou *entre*: o discurso, o poder. Nenhum relato ou silêncio é vazio; todos têm conteúdo.

A Comunidade do Quilombo, ao contrário do que o nome sugere, não é uma comunidade quilombola, nem *de jure*, nem *de facto*. Com efeito, percebi mais estranhamento que pertencimento por parte de seus moradores quando o assunto é a história e a formação

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

ARVELOS, Teófilo Teles Pereira de. Escavando lugares. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 9, nº 18, pp. 179-181, maio-agosto de 2022.

Submissão em: 17/07/2022. Aceito em: 12/08/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

socioespacial do povoado. Não obstante, estas ainda estão de algum modo ali presentes, influenciando-os no cotidiano. Parece que Ambrósio, o líder do quilombo, e os seus companheiros ainda estão naquele meio, vivos e libertos.

— Na verdade, eu nem havia reparado que eu falava de nós quando falava deles. Agora percebo que, na realidade, eles também somos nós, ou nós também somos eles.

Também eu compartilhei, inicialmente, da sensação de estranheza. A realidade daquela comunidade não é a minha, assim como não é minha a realidade dos moradores setecentistas do quilombo. Não tenho de me defender dos brancos, constituindo lugares de resistência — aliás, eu sou branco. O bairro onde moro tem coleta seletiva e tratamento de esgoto — o que inexistia na comunidade que visitei. Mas aquelas realidades se aproximam de alguma forma da minha, e intensamente; não por ancestralidade, mas por horizontalidade. O que compartilhamos é espaço: o geográfico, que é totalidade; não o geométrico, no qual dois corpos não podem ocupar o mesmo “lugar”.

Os dias que passei no povoado acabaram me fazendo sentir parte daquilo. Recentemente, terminei a leitura de um livro singular, chamado *O Mundo Inteiro Como Lugar Estranho*, do filósofo e antropólogo argentino Néstor García Canclini. No livro, o autor combina diferentes gêneros, temas e reflexões para analisar as distintas formas de estraneidade existentes. A leitura me ajudou a compreender o que experienciei na Comunidade do Quilombo. O mundo inteiro pode ser vivido como lugar, que se desfaz e que se refaz, mas esse lugar dificilmente será meu próximo. No entanto, o inverso também pode ocorrer: o lugar pode ser vivido como mundo. Deste modo, dificilmente ele será meu estranho.

Já faz mais de três anos do fim da minha pesquisa de campo. Mas parece que só agora comecei a entender o que vivenciei. É que só agora estou fazendo próximo aquilo que me era distante: aquele lugar estranho... ora parte do meu mundo.

— Não me deixe de fora. Também quero me incluir nesse nós.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

ARVELOS, Teófilo Teles Pereira de. Escavando lugares. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 9, nº 18, pp. 179-181, maio-agosto de 2022.

Submissão em: 17/07/2022. Aceito em: 12/08/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons